

O saber-fazer de educadores diante da violência na escola

Pablo Henrique Teodoro de Lima
Marcelo Ricardo Pereira – orientador

Essa pesquisa, fruto de uma Dissertação de Mestrado, insere-se na linha de pesquisa Psicologia, Psicanálise e Educação do Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e procura analisar e refletir sobre a pergunta: *que saber-fazer os educadores apresentam diante da violência na escola?* Partindo dos recrudescentes índices de violência nas escolas brasileiras e da dificuldade que muitos educadores apresentam para lidar com os casos mais enigmáticos e complexos de violência foi que nos propomos a compreender qual o saber-fazer singular eles empregam em seu ofício, ou seja, que fazem diariamente em sua rotina escolar com o que fizeram deles, com base em suas formações, currículos e experiências.

Para além da ortodoxia pedagógica, nos servimos da máxima sartreana de que importa menos o que fizeram de mim, mas, antes, o que eu faço com o que fizeram de mim (SARTRE, 1946). Nesse sentido, buscamos a psicanálise na interface com a educação de modo que fosse possível operar na contingência relacional de sujeitos não-todos, ofertando-lhes a palavra.

Nossa pesquisa fundamentou-se em quatro fontes de dados distintas, mas complementares, quais sejam: (1) relatórios sobre a violência nas escolas de Belo Horizonte (Secretaria Municipal de Segurança e Prevenção – SMSP); (2) Boletins de Ocorrência Circunstanciados (BOC's) da Guarda Civil Municipal de Belo Horizonte (GCMBH); (3) revisão de literatura e fundamentação teórica; (4) e os sujeitos. A escuta dos sujeitos foi realizada por meio da entrevista em profundidade e a análise das entrevistas se deu por meio da análise clínica do discurso, que buscou examinar: (1) os casos narrados de violência escolar, (2) os efeitos e formas de abordagem, (3) os disparadores dos atos violentos, (4) o fazer do educador mediante tais atos, (5) o saber que constrói para esse fazer e, sobretudo, (6) atentar ao que escapa à própria subjetividade do educador: seu saber-fazer singular para lidar com os casos de violência.

A partir da análise dos dados fornecidos pelos relatórios sobre a violência nas escolas, foi possível identificar as instituições de ensino públicas com os maiores índices de violência de Belo Horizonte. Os BOC's contribuíram nesse processo ao

evidenciar de que tipos de violência mais se queixam as escolas, bem como de que maneira as escolas encaminham esses casos de violência. Analisados os documentos, escolhemos, dentre as escolas listadas, a Escola Municipal Esperança (EME), localizada na Regional Leste de Belo Horizonte, no Território de Gestão Compartilhada Leste 4 (TGCL4). O referido território ganha notoriedade na capital mineira pelos alarmantes índices de vulnerabilidade social, homicídios da população preta do sexo masculino entre 15 e 29 anos, elevado Índice de Vulnerabilidade Juvenil (IVJ), dentre outros.

Em todos os relatórios disponibilizados pela SMSP, a EME desponta entre as que mais receberam visitas da GCMBH entre 2018-2020. Os principais problemas apresentados pela EME foram, de acordo com os dados: danos ao patrimônio, tráfico entre estudantes, agressão verbal a professores, brigas (vias de fato) entre estudantes e brigas entre estudantes com transtornos graves de saúde. A EME, localizada em uma comunidade heterogênea, fruto do programa Minha Casa, Minha Vida, do Governo Federal, foi municipalizada em 2010 e é fruto de uma Parceria Público-Privada entre o governo do município e uma grande multinacional brasileira.

De modo a compreender a complexidade das questões concernentes à violência e ao saber-fazer docente na contemporaneidade, bem como, de modo mais específico, como a escola pesquisada tem sido impactada por esses aspectos, tomamos de diferentes teóricos suas contribuições sobre a temática. Nesse sentido, o primeiro e o segundo capítulos de nossa dissertação foram dedicados a compreender a violência enquanto fenômeno social e sintoma subjetivo. A partir da violência que se queixa a escola, buscamos destrinchar tal fenômeno categorizando-o em violência *da/na/contra* a escola e as implicações objetivas e subjetivas de cada categoria. Dessa queixa da instituição, elencamos aquilo que se destacou como mais relevante, de modo que pudéssemos buscar a compressão desses aspectos de maneira mais aprofundada, partindo do que apresentava a escola, mas não nos restringindo a ela.

Embora não tenhamos aprofundado nossas reflexões acerca de todos os problemas apresentados, acreditamos ter abarcado aqueles que mais encontraram ressonâncias na escola pesquisada, quais sejam: o que consideramos como violência; a violência sob uma perspectiva psicanalítica; a maneira que a experimentamos (objetiva – sistêmica e simbólica – e subjetiva); a violência institucional propositiva e, por fim, a naturalização da violência na sociedade e na escola e sua relação com o capitalismo, a sociedade de classes e o mito da não violência no Brasil colonialista e escravocrata.

O segundo e o terceiro capítulos foram dedicados à compreensão do saber-fazer docente, partindo do entendimento da pessoa do professor como protagonista desse saber-fazer. Nesse percurso nos servimos das teorizações pedagógicas que apresentam a formação do sujeito professor a partir do processo de profissionalização e construção da profissionalidade docentes, evidenciando a maneira singular com que cada professor constrói sua profissão e seus saberes. Seguindo a orientação das tendências pedagógicas, tecemos uma reflexão crítica à perspectiva do professor reflexivo e demos corpo a uma fundamentação dos saberes docente e da importância deles para o desenvolvimento do ofício docente. Nisso, abrimos caminho, a partir de uma lacuna encontrada nas teorias pedagógicas – o saber inconsciente –, para incorporar o saber-fazer a partir de uma interpretação da psicanálise, movimento que nos possibilitou compreender qual deve ser o saber-fazer do professor, mestre de seu ofício, que é saber-fazer-o-outro-fazer, o saber-fazer do mestre.

Após observar a escola pesquisada e analisar os dados quantitativos e qualitativos, realizamos as entrevistas em profundidade com quatro educadores da instituição, sendo eles a diretora, o vice-diretor, o coordenador de turno e uma professora de Português. Nossa suspeita inicial era de que algo no nível da subjetividade, da personalidade e do lugar mesmo ocupado pelo educador mediante a cena de violência poderia igualmente contribuir para o malogro ou êxito em resolvê-la.

Após a análise das entrevistas, cremos estar corretos em nossa hipótese. Tendo depreendido do modo singular de cada educador lidar com a docência e com os casos mais enigmáticos de violência um saber-fazer idiossincrático para operar com eles, acreditamos que, ainda que a profissão, a sala de aula ou seus alunos lhe ofereçam desagradáveis contingências, aos professores que parecem inventar um modo singular de saber-fazer o outro fazer por meio de um saber-fazer idiossincrático, subjetivo, a docência parece se apresentar menos danosa e mais satisfatória. Parece-nos que para o professor saber-fazer o outro fazer – ou seja, saber ensinar de modo que o outro aprenda (conteúdos ou modos de ser) – ele necessita inventar um saber-fazer singular, algo que vai muito além de apenas cumprir com o que é solicitado ao mestre, uma vez que a invenção desse saber-fazer próprio do sujeito parte de um árduo trabalho subjetivo.

Em relação à violência na EME, uma questão nos interrogou: como tem conseguido a instituição, a partir do discurso de seus professores, paulatinamente superar a violência, ainda que os relatórios governamentais digam o contrário? Embora os relatórios apontem uma das escolas mais violentas da capital, na realidade o que

encontramos é uma instituição que, por meio das constantes intervenções de órgãos externos e consequentes registros (ex. BOC's), procura retirar alguns sujeitos mais violentos da escola ou imobilizar a ação daqueles aos quais é permitido permanecer. O que nos parece, de fato, é que a violência se encontra na escola, mas embora tenha chamado nossa atenção pelo seu caráter subjetivo, que é o mais publicizado pelos relatórios, incorpora seu caráter sistêmico, sustentado pelos próprios educadores, ainda que eles não percebam.